

18 são presos em protesto na Paulista

Cerca de 400 pessoas se reuniram na Prefeitura e seguiram para a avenida, onde grupo tentou depredar farmácia, provocando tumulto

Bruno Paes Manso
Thiago Mattos

Cerca de 400 manifestantes fizeram uma passeata tensa pelo centro de São Paulo, na noite de ontem. O grupo tentou depredar uma farmácia na Avenida Paulista, mas as portas já haviam sido fechadas, justamente para prevenir danos durante o protesto. Dezoito pessoas foram detidas e uma mulher, ferida, após ser atingida por um PM com um cassetete na Avenida Brigadeiro Luís Antônio. Lanchonetes e até uma viatura da Polícia Civil foram pichadas.

Após os dois últimos protestos, na terça e na sexta-feira, terminarem com um rastro de agências bancárias depredadas, os PMs decidiram fazer cordões de isolamento na frente dos bancos. O protesto teve a participação dos anarquistas do grupo Black Blocs. O policiamento reforçado não conseguiu impedir que alguns manifestantes jogassem pedras na farmácia Onofre, na esquina da Paulista com a Rua Bela Cintra.

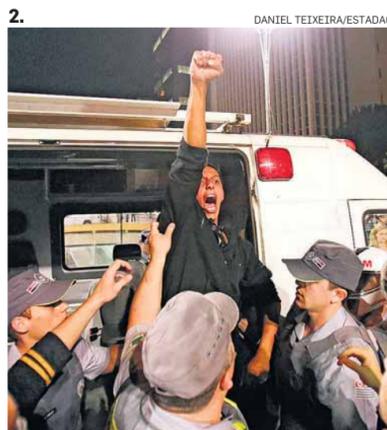
Os suspeitos foram detidos depois da tentativa de vandalismo e podem ser soltos ainda hoje. Um deles foi acusado de tentar invadir o local e outro teria agredido um policial, segundo o major da PM Genivaldo Antônio. Dos detidos, a polícia divulgou o primeiro nome de três: Vinícius, Igor e Cleiton. No grupo também está um adolescente. Uma mulher chegou a ser arrastada até um camburão. Na confusão, os dois sentidos da Avenida Paulista chegaram a ser bloqueados. A via só foi completamente liberada às 21h45.

Quando as prisões começaram, a maior parte dos manifestantes cercou as viaturas e hostilizou os policiais, exigindo a li-

GALERIA



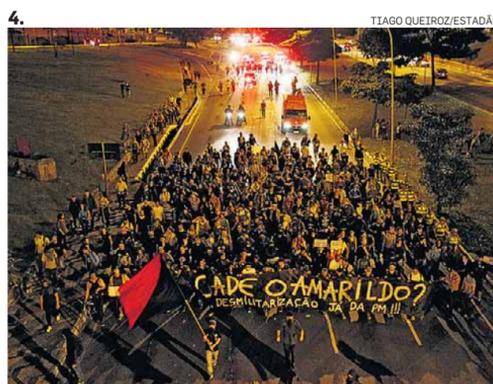
1. TIAGO QUEIROZ/ESTADÃO



2. DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO



3. NACHO DOCE/REUTERS



4. TIAGO QUEIROZ/ESTADÃO

1. PM usa cassetete em manifestantes

2. Manifestante é detido na esquina com a Rua Bela Cintra

3. Adolescente é arrastada para o camburão

4. Na Av. 23 de Maio, a passeata por Amarildo

beração dos suspeitos, mas sem sucesso. Os detidos foram levados para o 78.º DP (Jardins) e a maior parte do grupo que participava do protesto decidiu seguir até a delegacia, na Rua Estados Unidos. No caminho, um McDonald's e um Habib's foram pichados.

Até as 23h30, cerca de 30 manifestantes ainda protestavam na frente do 78.º DP. Com o impasse na frente da delegacia, o

grupo pichou "Fora PM" em um carro da Polícia Civil.

Hostilizados. Durante todo o protesto, as palavras de ordem eram contra a polícia ("PM assassina, chega de chacinha") e os governos estaduais do Rio e de São Paulo. A pergunta "Cadê Amarildo?", que questiona o desaparecimento do pedreiro carioca (*leia abaixo*) se tornou um "meme" estampado em faixas e

entoado em gritos de guerra.

Na concentração do protesto, na frente da Prefeitura, por volta das 18 horas, um dos manifestantes abordava pedestres e perguntava: "Sabe quem é Amarildo?" Se a pessoa não sabia, vinha a explicação: "Ele é um pedreiro que desapareceu no Rio, depois de ser abordado pela polícia na Rocinha. Ajuda a gente a divulgar essa história..."

Com medo de vandalismo,

muitos comerciantes fecharam as portas. Antes de a marcha sair do Executivo paulistano, o major Antônio havia conversado com representantes do protesto e pediu para que não houvesse depredação. Caso contrário, avisou, seria necessário o uso da força.

Além da polícia, alguns repórteres foram hostilizados durante o protesto. "Eles me deram uma canelada, mas está tudo

bem", disse o jornalista Fábio Pannunzio, da TV Bandeirantes. Bruno Tortura, da Mídia Ninja, foi alvo de críticas e acusações de ligação com o PT.

Trânsito. Às 18h45, o grupo saiu em passeata e, 15 minutos depois, bloqueou a Avenida 23 de Maio no sentido zona sul. Nesse horário, a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) registrou 180 quilômetros de lentidão na capital paulista - índice acima da média para o horário (162 km).

O protesto seguiu na direção da Paulista pela Avenida Brigadeiro Luís Antônio, onde começou uma correria de alguns manifestantes. Um policial militar tentou parar o grupo e atingiu com um cassetete uma das mulheres. Ela teve um corte no supercílio, que sangrou. Os participantes do protesto então reclamaram com PMs, que usam cassetetes mais uma vez. Os manifestantes seguiram então pela Avenida Paulista, fecharam o sentido Consolação e atacaram a farmácia. / COLABOROU FERNANDO OTTO

MP recomenda liberdade aos 5 detidos na terça

O Ministério Público do Estado manifestou-se, na noite de ontem, a favor da liberdade provisória de cinco manifestantes detidos durante o protesto de terça-feira na capital. Segundo a defesa dos jovens, os cinco suspeitos não se conhecem e foram presos "aleatoriamente". "Há vídeos mostrando que estavam sozinhos, sem praticar van-

dalismo, quando foram presos", diz o advogado Luis Guilherme Ferreira. Ele e o outro advogado dos suspeitos, Geraldo Santamaria Neto, esperam que todos sejam soltos hoje.

Segundo a Secretaria da Segurança Pública, os manifestantes foram detidos por dano qualificado contra uma viatura, desacato à autoridade, resistência à

prisão e formação de quadrilha. Os cinco detidos são o publicitário e artista plástico Thiago Frias, de 31 anos; os estudantes Francisco de Campos Lopes e Nicolas Gomes de Deus, ambos de 20; Bruno Torres Mendes Soares e a estudante Andresa Macedo dos Santos, ambos de 19. Os quatro primeiros estão no Centro de Detenção Provisória de Pinheiros. Andresa está no CDP de Franco da Rocha.

Um vídeo mostra Frias sendo levado por policiais quando estava caído no chão. "Não estou conseguindo andar", disse. "Vo-

cê está fazendo drama", respondeu um PM. "A prisão (*de Frias*) foi um absurdo porque, como eu, ele estava apenas participando pacificamente, cantando e batendo palmas", comenta o designer carioca Lissandro Silva, de 33 anos, atingido por uma bomba de efeito moral.

Após deixar o hospital, Silva afirmou que tentou prestar queixa no 14.º DP, em Pinheiros. Mas foi impedido por policiais do Choque. "Falei que estava ferido mas eles não se importaram e continuaram nos empurrando até sairmos da rua."

Procuradas, a Secretaria da Segurança Pública e a Polícia Militar esclareceram que "as prisões realizadas visaram a deter os atos de vandalismo e também coibi-los". "O jovem a que se refere a reportagem (*Frias*) foi preso sob a acusação de ter jogado pedras contra um veículo da Polícia Militar", ressaltou a PM. A SSP ainda negou que qualquer pessoa tenha sido impedida de registrar B.O. "O que a PM fez foi garantir a segurança do prédio público e das pessoas que lá trabalham, ameaçados por manifestantes". /T.M.

No Rio, ato por Amarildo reúne 300 e segue até a casa de Cabral

Ativistas caminham da Favela da Rocinha até o Leblon, interdiando vias e congestionando a zona sul; não houve violência

Heloisa Aruth Sturm / RIO

Cerca de 300 pessoas participaram ontem à noite de um protesto que começou na Favela da Rocinha, em São Conrado (zona sul do Rio), e seguiu até a casa do governador Sérgio Cabral, no vizinho bairro do Leblon. Os ativistas reclamavam do sumiço do pedreiro Amaril-

do Dias de Souza, que desapareceu depois de ser detido por policiais da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Rocinha. Até as 23 horas de ontem a manifestação continuava de forma pacífica.

Os ativistas seguiram caminhando da favela até as imediações da casa de Cabral, causando a interdição de vias como a Autoestrada Lagoa-Barra e congestionamentos em toda a zona sul. O grupo não foi acompanhado por policiais. Quando chegaram às imediações da casa de Cabral, no Leblon, esses manifestantes eram aguardados por outros, incluindo cer-

ca de 20 manifestantes que permanecem acampados no local desde a noite do domingo.

Ali, havia policiamento e os ativistas decidiram seguir a pé pelas ruas do Leblon. As 23 horas, o grupo reunia 150 pessoas, que retornavam para a frente da casa do governador.

Sobrinha. Familiares de Amarildo participaram da manifestação, mas não seguiram até a casa de Cabral. Antes de ir ao protesto, a sobrinha de Amarildo, Michelle Lacerda, esteve na sede do Ministério Público Estadual, acompanhada por outros familiares do pedreiro, pa-

ra saber o andamento das investigações. Segundo ela, não foi dada nenhuma informação, porque o processo está sob sigilo. "Mas nos deram a certeza de que uma resposta vamos ter, e estamos aqui lutando por isso", disse Michelle, já no protesto.

Investigação. Uma mancha de sangue encontrada no banco de trás de um carro da Polícia Militar chegou a ser levada para exame - a expectativa é de que poderia ser do pedreiro. Após análise pericial, que incluiu o sangue coletado dos filhos, verificou-se que a amostra não era de Amarildo. Os quatro policiais militares que participaram da abordagem foram transferidos da UPP da Rocinha para a Coordenadoria de Polícia Pacificadora (CPP), no Complexo do Alemão (zona norte).



WILTON JUNIOR/ESTADÃO

Câmara destruída

Os manifestantes que ocuparam a Câmara do Rio, na noite de anteontem, destruíram o servidor de internet da casa, jogaram tinta nas portas, arrancaram equipamentos e quebraram vidraças.

Carro que levou pedreiro tinha GPS inativo

Secretário da Segurança do Rio disse não saber se a inoperância do equipamento foi proposital

RIO

O carro da Polícia Militar que levou o pedreiro Amarildo Dias de Souza, de 47 anos, à sede da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Favela da Rocinha, em São Conrado, na zona sul do Rio, em 14 de julho, não foi monitorado. O GPS (Sistema de Posicionamento Global, na sigla em inglês) não estaria funcionando.

O secretário de Segurança do Estado do Rio, José Mariano Beltrame, disse não saber se a inoperância do equipamento foi proposital. "É preciso ver a motivação disso: se foi uma falha técnica, se há um laudo que

diga que esses defeitos aconteceram não em decorrência do evento, e sim por outra motivação. Essas coisas estão sendo levadas para a investigação", afirmou.

Para a mulher do pedreiro, Elizabete Gomes da Silva, o marido está morto. "Podem passar 30 anos sem achar os ossos dele, vamos passar 30 anos procurando. A ficha de todo mundo já caiu. Ele era trabalhador, não ia sair de casa. Foi a UPP

que matou o meu marido", disse Elizabete, que participou à noite do protesto que fechou a Autoestrada Lagoa-Barra, nas proximidades da Rocinha.

Afastados. Já Beltrame demonstra não estar convicto da participação policial no desaparecimento. "Punir não é problema para nós. Todas as hipóteses serão levantadas. O que não podemos é, em função de especulações ou hipóteses, afastar

peçoas. Nós temos de chegar efetivamente a determinadas conclusões que nos digam que as pessoas tenham de ser afastadas", afirmou o secretário.

O secretário também não descartou a possibilidade de refazer uma reconstrução do último trajeto de Amarildo. "Hoje mesmo, houve uma reunião na Rocinha em que três associações elogiaram o policialmente. Mas isso não quer dizer que lá na frente um e outro servidor não tenham de ser afastados. Mas isso tem de ser feito com critério", disse Beltrame em visita à Divisão de Homicídios,

que assumiu as investigações anteriormente a cargo da 15.ª Delegacia de Polícia.

O governador Sérgio Cabral também defendeu a polícia ontem. "Somos os primeiros a querer saber onde está o Amarildo. Numa UPP, os índices caíram barbaamente. Não tem situações como a do Amarildo como tinha no passado. Queremos descobrir onde está o Amarildo e quem fez o quê com o Amarildo. O secretário Beltrame está envolvido pessoalmente", disse o governador. /FÁBIO GRELLET, HELOÍSA ARUTH STURM, LUCIANA NUNES LEAL e MARCELO GOMES